

REVELAR A TERNURA DE DEUS

OS OITO PASSOS
DO LONGO PROCESSO DA RECONSTRUÇÃO DA CONVIVÊNCIA HUMANA
DESDE O CATIVEIRO ATÉ JESUS

Carlos Mesters
Francisco Orofino

O PONTO DE PARTIDA

Enfrentar o desafio do Cativo

1. O Cativo que hoje enfrentamos

Hoje, a miséria crescente do povo, a injustiça impune, a corrupção que se alastra, o sofrimento dos que nunca cometeram nenhum mal, o abandono, o desemprego, a exploração, a desigualdade social, a exclusão, a doença, a solidão, o desamor, a violência que aumenta cada vez mais, a poluição ambiental que ameaça a sobrevivência, o terrorismo que desintegra a convivência humana, ...! Tudo isso provoca em nós um forte questionamento: "O que fazer? Parece um túnel escuro. Tem saída? Como salvar a vida humana? Como encontrar Deus no meio de tudo isso?"

Alguns dizem: "Paciência! Essas coisas acontecem. Quem somos nós para mudar o rumo da história? O que podemos fazer? Nada! Não temos poder". Eles se acomodam. Vão à Missa, rezam, assistem à história humana pela TV, sabem tudo que se passa no mundo, mas não sabem como reagir. Sua fé perdeu a lucidez crítica e a força transformadora.

Outros dizem: "Há esperança! Existe luz no fim do túnel. Devemos continuar a lutar para mudar a situação!" Dizendo que existe luz no fim do túnel, eles acham que, dentro do túnel não existe luz. Para eles, lá dentro só existe escuridão. Eles só conhecem um único tipo de luz, aquela que conheceram antes de entrar no túnel. Avaliam a situação atual com os critérios do passado, de antes e de fora do túnel em que agora nos encontramos todos.

Outros ainda dizem: "Existe luz *dentro* do túnel! Temos que descobri-la! Temos que descobrir o povo que, há muito tempo, vive dentro do túnel, e aprender dele como lutar e sobreviver. Pois eles sabem como resistir sem desintegrar-se! Temos que trabalhar para que essa luz brilhe e apague a escuridão, comece a irradiar-se pelo mundo e se torne "Luz das Nações".

Algo semelhante aconteceu ao povo de Deus na época do cativo, quando tudo foi destruído, por fora e por dentro! Todos os apoios da fé tinham sido quebrados. Foi a escuridão total para todos eles.

2. A desintegração da sociedade na época do cativo

Mês de agosto de 587 antes de Cristo. Fazia poucas semanas que Jerusalém havia sido tomada pelo exército da Babilônia. O Rei Sedecias, fugitivo, tinha sido capturado perto do Jordão e conduzido à presença do rei da Babilônia em Ribla. Este, depois de tê-lo obrigado a assistir ao brutal assassinato da esposa e dos filhos, furou-lhe os olhos, algemou-o e conduziu-o para o cativo, onde morreu (2Rs 25,3-7; Jr 39,4-7; 52,5-11). Em seguida, Nabucodonosor deu ordem ao seu general Nabuzardã para destruir a Cidade Santa (2Rs 25,8-12; Jr 52,12-16). Assim, tudo que, até àquele dia, tinha sido sinal visível da presença de Deus para o povo, foi destruído.

O *Templo*, do qual Deus tinha dito que haveria de morar nele para sempre (1Rs 9,3), foi incendiado (2Rs 25,9). O *Culto* que tinha sido instituído como sinal perpétuo, estava interrompido (Lam 2,6-7). Os *Sacerdotes* que deviam garantir o culto foram massacrados (Jer 52,24-27) ou levados para o cativo (Sl 79,1-3; Lam 4,16). A *Monarquia*, da qual Deus tinha dito que sempre haveria um descendente de Davi no trono (2Sam 7,16), já não existia mais (2Rs 25,7). *Sião*, a cidade de Davi, que Deus desejou para ser sua residência para sempre (Sl 132,13-14), estava destruída (Lam 1,6; 2,1-10). A *Terra*, cuja posse tinha sido garantida para sempre (Gen 13,15), passou a ser a propriedade dos inimigos, que a distribuíram aos pobres (2Rs 25,12; Jer 39,10; 52,16). O povo de Deus perdeu a posse e foi para o exílio na Babilônia, o antigo Ur dos Caldeus (Jer 52,28-30). Estava de volta no mesmo país, de onde, em 1800, antes de Cristo, Abraão tinha saído para seguir o chamado de Deus (Gen 11,31). A história foi terminar, tragicamente, no mesmo lugar, onde, mil e trezentos anos antes, havia começado! A reação angustiante de muitos era esta: "Deus nos abandonou!" (Is 40,27; Jer 33,23-24; Is 49,14). "Já não há mais profetas. Já não vemos nossos sinais" (Sl 74,9). Antigamente, no tempo de Moisés e de Samuel, Deus falava (Sl 99,6-8). Será que ele parou de falar? Será que Deus mudou? (Sl 77,9) Silêncio de Deus!

Deus, porém, continuava presente no meio do povo com o mesmo amor de sempre (Is 49,15), não só no povo exilado e no horrível cativo da Babilônia, mas também no mundo da política internacional, onde estavam ocorrendo mudanças profundas com a chegada de Ciro, o rei da Pérsia (Is 41,2-5.25; 44,28; 45,1-7). Mas o povo perdeu os olhos para poder perceber a presença libertadora de Deus (Is 42,18-20; 43,8).

A grande pergunta que ficou para todos era esta: "Como entender ou interpretar esta tragédia terrível? O que fazer agora?" (Sl 44,18-25; Sl 77,6-10; 89,39-47). Três respostas foram dadas, misturadas entre si. (1) Alguns eram de opinião de que era melhor saltar fora do barco antes que afundasse inteiramente. Eles se acomodaram no exílio e adaptaram-se à nova situação. É o *grupo da Adesão*. (2) Outros achavam que deviam

reagir e lutar. Queriam voltar para a terra, vingar o mal que lhes tinha sido feito, reconstruir o templo e restaurar tudo como era antes, no passado. É o *grupo da Restauração*. (3) Outros ainda achavam que a solução não era voltar ao passado nem se acomodar no presente, mas sim aprender a ler com outros olhos a nova situação em que se encontravam. Eles se perguntavam: "O que será que Deus nos quer ensinar por meio destes fatos tão trágicos em que nos encontramos agora? Qual o apelo de Deus para nós?" É o *grupo da Missão*. Foram estes últimos que mais ajudaram na reconstrução da sociedade desintegrada. Destes últimos fazia parte o grupo dos discípulos e das discípulas do profeta Isaías.

3. A Irmandade dos discípulos e das discípulas do profeta Isaías

No meio daquele povo machucado e desintegrado do cativeiro viviam os discípulos de Isaías, um grupo anônimo de rapazes e moças, homens e mulheres. Junto com o resto do povo, foram levados para o cativeiro. Sofreram por dentro a crise profunda da fé, a noite escura do povo, provocada por aqueles acontecimentos trágicos. Mas eles, mesmo sem os apoios tradicionais da fé, não desistiram de crer. A crise, em vez de levá-los à perda da fé ou a uma restauração do passado, foi para eles uma ocasião de purificação e de renascimento. O desafio deles era este, o mesmo de hoje: (1) redescobrir e experimentar, de novo, a presença viva de Deus na história e na vida do povo; (2) verbalizá-la e transformá-la em Boa Nova para os pobres; (3) encarná-la e expressá-la em novas formas de convivência para o povo poder perceber todo o seu alcance para a vida.

De fato, esses discípulos anônimos de Isaías sofreram na própria carne a crise do povo e buscaram uma saída. Eles re-descobriram a novidade antiga da presença escondida de Deus, souberam transformá-la em Boa Nova para os pobres e conseguiram encarná-la em novas formas de reconstrução da convivência humana (Is 40,9-11; 52,7-10; 57,14-18; 61,1). Encontrando uma saída para si mesmos, tornaram-se capazes de ajudar o povo a descobrir o sentido dos acontecimentos e os sinais da presença de Deus. Eles estão na origem de uma das experiências mais bonitas da história do povo de Deus. Eles sofreram o cativeiro, descrito nas lamentações de Jeremias, mas não se deixaram abater. Pelo contrário, souberam achar uma saída que vamos ver de perto. Foi nos escritos deles que Jesus se inspirou para realizar a sua missão como Messias (Lc 4,18). É deles e do longo processo da reconstrução da convivência humana por eles iniciado que vamos falar agora. Vamos percorrer os 8 passos deste longo processo. Não são bem etapas, uma depois da outra, mas mais atitudes, uma misturada na outra. Eis o esquema que vamos seguir:

- O Primeiro Passo: Uma nova experiência de Deus e da vida
- O Segundo Passo: Recuperar a memória e a identidade
- O Terceiro Passo: Olhar a natureza como revelação de Deus
- O Quarto Passo: Mudar e renovar para poder ser fiel à tradição
- O Quinto Passo: Desfazer o peso da opressão e encher o vazio do coração
- O Sexto Passo: Um novo jeito de conviver e de trabalhar com o povo
- O Sétimo Passo: Apontar a Boa Nova de Deus na vida do povo
- O Oitavo Passo: Uma nova prática religiosa como culto agradável a Deus
- Intervalo:** De Isaías até Jesus: A progressiva descoberta da Missão do Serviço
- O Ponto de chegada: Jesus assume e realiza a missão do Servo

O PRIMEIRO PASSO

Uma nova experiência de Deus e da vida

1. As imagens usadas para expressar a nova experiência de Deus

Na raiz da caminhada da irmandade de Isaías e da redescoberta do sentido da vida, não está uma ameaça de castigo, mas sim uma forte experiência do Amor de Deus. O que mais chama a atenção nas imagens por eles usadas nos capítulos 40 a 66 do livro de Isaías para expressar o novo relacionamento com Deus é a dimensão *pessoal e familiar*. Eis alguns textos:

Deus é experimentado como **Pai**. Dirigindo-se a Deus, eles diziam:

"Tu és o nosso Pai! Ainda que Abraão não nos conhecesse e Israel não tomasse conhecimento de nós, tu, Javé, és nosso Pai, nosso redentor. tal é o teu nome desde a antiguidade!" (Is 63,16).

"Tu, Javé, és nosso Pai. Nós somos a argila e tu és o nosso oleiro, todos nós somos obras das tuas mãos" (Is 64,7).

Apresentam Deus como **Mãe**. Dirigindo-se ao povo, o próprio Deus usa imagens maternas para expressar o seu amor pelo povo. Ele diz:

“Vós, a quem carreguei desde o seio materno, a quem levei desde o berço” (Is 46,3).

“Por acaso uma mulher se esquecerá da sua criancinha de peito? Não se compadecerá ela do filho do seu ventre? Ainda que as mulheres se esquecessem, eu não me esqueceria de ti! Eis que te gravei na palma da minha mão” (Is 49,15-16^a).

“Sereis amamentados, sereis carregados sobre as ancas e acariciados sobre os joelhos. Como a uma pessoa que a sua mãe consola, assim eu vos consolarei!” (Is 66,12-13).

Deus é apresentado como o **Marido** do povo:

“Hás de esquecer a condição vergonhosa da tua mocidade, não tornarás a lembrar o opróbrio da tua viuvez, porque o teu esposo será o teu Criador, Javé dos exércitos é o seu nome” (Is 54,4-5).

“Como um jovem desposa uma virgem, assim te desposará o teu edificador. Como a alegria do noivo pela sua noiva, tal será a alegria que o teu Deus sentirá em ti!” (Is 62,5).

Deus é o **Go'él**, o Redentor, o **Irmão mais velho** ou parente próximo, que **resgata** o povo:

“Não temas, vermezinho de Jacó, e tu, bichinho de Israel. Eu mesmo te ajudarei, oráculo de Javé; o teu **Redentor** é o Santo de Israel!” (Is 41,14)

“Mas agora, diz Javé, aquele que te criou, ó Jacó, aquele que te modelou, ó Israel: não temas, porque eu te **resgatei**. Chamei-te pelo nome. Tu és meu!” (Is 43,1)

Conforme um costume tribal muito antigo, o **Go'él**, isto é, o parente próximo ou redentor, devia intervir com a sua ajuda e o seu dinheiro para impedir que uma pessoa do seu clã perdesse sua terra ou que seus filhos fossem escravizados (Lv 25,8-55; Dt 15,1-18). Na época do cativeiro da Babilônia, porém, já não havia **Go'él** (redentor) que pudesse resgatar seus parentes da escravidão ou recuperar para eles a posse da terra. Pois estavam *todos* no cativeiro, inclusive o **Go'él**! E sem **Go'él**, sem Redentor, já não haveria resgate possível para povo! Não haveria futuro! Os seguidores de Isaías, porém, respondiam: “Temos **Go'él**, sim! É o próprio Javé! Ele mesmo é o nosso Redentor!”. De fato, o título **Go'él**, **Redentor**, aplicado a Javé, é muito freqüente em Isaías 40 a 66 (Is 41,14; 43,14; 44,6.24; 47,4; 48,17; 49,7.26; 54,5.8; 60,16; 63,16; cfr. resgatar ou resgate: Is 43,1.3; 44,23; 48,20).

Esta palavra **Go'él** tem um significado tão denso que não há correspondente exato na nossa língua. Usamos palavras diferentes para traduzir o seu significado: redentor, defensor, libertador, salvador, consolador, advogado, paráclito, parente próximo, primogênito, irmão mais velho. A melhor tradução talvez seja **Irmão mais velho**. Pois, até hoje, entre os pobres, o irmão velho é aquele que, na hora das dificuldades, ajuda os irmãos mais novos a resolver seus problemas. O irmão mais velho é o substituto natural do pai ausente e que mantém a família unida. É o que Jesus significa para nós. Ele disse: “Quem vê a mim, vê o Pai!” (Jo 14,9). Ele se tornou nosso irmão mais velho (Rm 8,29; Cl 1,15; Hb 1,6).

Resumindo. Para expressar e comunicar a nova experiência de Deus e o novo sentido que encontraram para sua vida, os discípulos e as discípulas de Isaías não usaram as imagens religiosas tradicionais, mas sim as imagens tiradas da vida familiar de cada dia. Como explicar esta nova maneira de falar sobre Deus?

2. A experiência do cativeiro que está por trás das novas imagens de Deus

Como tantos exilados e migrantes de hoje, os exilados judeus viviam desenraizados e perdidos na imensidão do império da Babilônia (587 a 535 aC) e do império persa (535 a 332 aC). O único espaço de uma certa autonomia e liberdade que ainda sobrava para eles no cativeiro era o espaço familiar: o pai, a mãe, o marido, a esposa, os filhos, o mundo pequeno da família, a “casa”. Todo o resto que antes fazia parte da vida já não existia: a organização mais ampla do clã, a vida no povoado, a posse da terra, o templo, as peregrinações, o culto, o sacrifício, o sacerdócio. Nada disse sobrou. Hoje dizemos: “Só sobrou o corpo!”

Ora, foi exatamente neste espaço reduzido e tão enfraquecido da pequena família, da “casa” ou do “corpo”, que eles reencontraram a presença de Deus. O Deus que, antes, estava ligado ao Templo, ao sacerdócio, ao culto oficial, à Monarquia, agora está perto deles, “em casa”; casa pequena, quebrada e, humanamente falando, sem futuro, mas **Casa**, e não **Templo**. Por isso, como que naturalmente, usaram as imagens da sua própria vida familiar e não as da religião tradicional para expressar a nova experiência de Deus e da vida. Deste modo, eles, por assim dizer, humanizaram a imagem de Deus e sacralizaram a vida como o espaço do reencontro com Deus. “Realmente, tu és um Deus que se esconde, Deus de Israel, Deus salvador!” (Is 45,15) Ele se esconde e se abriga onde antes ninguém o procurava: *em casa*, no relacionamento diário familiar, no meio do povo exilado e excluído! Como outrora no Êxodo, Deus “desceu” novamente do alto para estar junto do povo oprimido e exilado:

*Vi a miséria do meu povo que está no Egito,
Ouvi o seu clamor contra os opressores,
Conheço os seus sofrimentos. Por isso,
Desci para libertá-lo do poder dos egípcios
e faze-lo subir ... a uma terra que mana leite e mel (Ex 3,7-8).*

No primeiro êxodo, Deus desceu para junto do seu povo que estava reunido em suas casas para celebrar a páscoa (Ex 12,13). Como naquele primeiro êxodo, Deus *desceu* de novo, também desta vez para dentro da "casa" do povo! Não é o povo que se eleva até Deus. É Deus que desce até o povo e nele se encarna (Jo 1,14).

Foi a partir deste mundo pequeno e limitado da "casa", sem prestígio e sem poder, que tudo renasceu e continua renascendo, até hoje. Os cacos e pedaços da vida familiar, que sobraram para eles no cativeiro, foram a porta por onde a semente do *novo* pôde entrar para dentro da vida do povo, criar raízes e crescer de novo.

Com o olhar renovado, recebido a partir deste reencontro com Deus em "Casa", foram relendo tudo: a política, a natureza, a história, a criação inteira, o passado e o presente, tudo! Como uma pedra que cai num lago e vai fazendo círculos até atingir todo o lago, assim a nova experiência de Deus *em Casa* foi crescendo até alcançar e reintegrar todos os aspectos da vida desintegrada do povo exilado.

O SEGUNDO PASSO

Recuperar a memória e a identidade

1. Uma nova leitura do passado

O Deus que se fez presente na vida dos discípulos e discípulas de Isaías era o mesmo Deus de sempre, Javé, o Deus dos pais que esteve com eles no passado. A nova experiência de Deus deu a eles olhos novos para entender de outra maneira o sentido de tudo que este Deus tinha realizado no passado. Assim, eles relembram e contam as histórias do seu passado, não para aumentar a saudade, mas para transformá-las em fonte de esperança. Eis algumas das releituras do passado:

* A aliança de Deus com Noé em defesa da vida

A promessa feita a Noé de nunca mais destruir a vida pelo dilúvio (Gn 9,11.15) era uma garantia para o povo do cativeiro saber que nunca mais haveria outro cativeiro:

"Em um momento de cólera escondi de ti o meu rosto, mas logo me compadei de ti, levado por um amor eterno, diz Javé, teu Redentor. Como nos dias de Noé, quando jurei que as águas do dilúvio nunca mais inundariam a terra, do mesmo modo juro agora que nunca mais me encolerizarei contra ti" (Is 54,8-9).

* O chamado de Abraão e Sara

Comparada com a situação deles mesmos no cativeiro da Babilônia, a história de Abraão e Sara se transforma em fonte de coragem e de esperança. A terra de onde Abraão e Sara tinham saído em torno de 1800 antes de Cristo se chamava Babilônia ou "Ur dos Caldeus" (Gn 11,31). Agora, em 587 antes de Cristo, depois de uma longa história de 1300 anos, o povo está de volta naquela mesma terra. Como Abraão e Sara, eles são um punhado de gente. Agora é a vez deles de ter aquela mesma fé e de ser "Abraão e Sara" de fato:

"Ouvi-me, vós que estais à procura da justiça, vós que buscais a Deus! Olhai para a rocha da qual fostes talhados e para a pedreira de onde fostes extraídos! Olhai para Abraão, vosso pai, e para Sara, vossa mãe! Quando os chamei, eles eram um só, mas eu os abençoei e eles se multiplicaram!" (Is 51,1-2).

* Os patriarcas e as matriarcas

Deus chama o povo exilado de "descendente de Abraão, meu amigo". São numerosos os textos em que Ele se dirige ao povo chamando-o simplesmente de "Jacó" ou de "Israel", o nome do patriarca que está na origem das doze tribos (Is 41,8.14; 42,24; 43,1.15.22; 44,1-5.21; 45,4; etc):

"Mas tu, ó Israel, servo meu, tu, Jacó, a quem elegi, descendente de Abraão, meu amigo, tu, a quem tomei das extremidades da terra, e chamei dos seus cantos mais remotos, e a quem disse: Tu és o meu servo, eu te escolhi e não te rejeitei, não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou o teu Deus; eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a minha destra fiel" (Is 41,8-10).

* O Êxodo que tirou o povo do Egito

O Êxodo é lembrado de muitas maneiras. Como no primeiro Êxodo, assim agora Deus vai tirar água da rocha para matar a sede do seu povo no deserto do cativoiro:

“Os pobres e os indigentes buscam água, mas não a encontram; estão com a língua seca de sede. Eu mesmo, Javé, responderei a eles; eu, o Deus de Israel, não os abandonarei. Pois eu vou rasgar córregos em colinas secas, abrir fontes por entre os vales; transformarei o deserto em lago e a terra seca em nascentes de água!” (Is 41,17-18).

Deus manda o povo lembrar a travessia do Mar Vermelho para se convencer de que Ele vai fazer uma coisa muito maior, que já estava começando:

“Assim diz Javé, aquele que abriu um caminho no mar, uma passagem entre as ondas violentas, aquele que fez sair o carro e o cavalo, o exército e a força. Eles caíram para não mais se levantar, apagaram-se como um pavio que se extingue. Não fiquem lembrando o passado, não pensem nas coisas antigas. Vejam estou fazendo uma coisa nova: ela já está brotando agora, e vocês não a percebem? Abrirei um caminho no deserto, rios em lugar seco” (Is 43,16-19).

Como estas há várias outras evocações e lembranças do Êxodo nesses capítulos 40 a 66 de Isaías:

- * o fim da escravidão (Is 40,2);
- * o caminho pelo deserto (Is 40,3);
- * o cântico novo à beira do Mar Vermelho (Is 42,10);
- * a travessia pela água (Is 43,2);
- * a água que brota do chão seco (Is 44,3);
- * a efusão do Espírito (Núm 11,17.25; Is 44,3);
- * a aliança concluída ao pé do Monte Sinai (Is 42,6; 49,8; 55,3; 61,8);
- * a Lei dada ao povo no Sinai, que agora está no coração (Is 51,7; 51,4);
- * como o maná, um novo convite para comer e beber (Is 55,1-3).

Por meio deste jeito de citar e reler o passado, os discípulos e as discípulas comunicavam ao povo exilado a seguinte mensagem: “Deus não nos abandonou. A história não terminou. Pelo contrário! A caminhada continua! Estamos envolvidos num novo Êxodo, muito maior e mais bonito que o primeiro!”

2. O alcance da nova leitura do passado

Esta nova leitura do passado é muito mais do que ter um conhecimento um pouco mais atualizado na cabeça. Ela tem um alcance muito importante para a vida do povo no presente:

Primeiro: Eles descobrem que a história não é uma coisa do passado que já não tem mais nada a ver com a vida de hoje. É o contrário! Descubrem que a história continua até hoje, e que nós temos responsabilidade de assumi-la e de leva-la para frente, para que o projeto de Deus se realize plenamente.

Segundo: Descubrem que Deus não mudou de lá para cá. Ele continua sendo o mesmo Deus, usando o mesmo poder, mostrando o mesmo amor. Continua sustentando o mesmo projeto, iniciado desde os tempos de Noé, de Abraão e de Moisés.

Terceiro: A maneira de descrever a história do passado é feita de tal maneira que as pessoas descubram nele o espelho do que está acontecendo hoje com eles. “Nós somos hoje Abrão e Sara” - “O Êxodo é hoje!”.

Quarto: Nas celebrações da Palavra, em que se relata o passado, as pessoas atingem a fonte de onde nasceu o povo e experimentam o mesmo chamado do mesmo Deus. Voltar ao passado não é saudosismo. Pelo contrário! Voltar ao passado tem sentido enquanto nos ajuda a recuperar o vigor original que gerou o povo.

O TERCEIRO PASSO

Olhar a natureza como revelação de Deus

1. Uma nova leitura da Ação Criadora

De todos os livros da Bíblia, os capítulos 40 a 66 do livro de Isaías são os que mais usam a palavra *criar*, mais de vinte vezes! Isto revela uma nova compreensão da ação criadora de Deus. O verbo hebraico **BARÁ** (criar) indica uma ação poderosa, que não depende de condições prévias, nem pode ser impedida ou frustrada por qualquer outra força deste mundo, mas age a partir do poder do próprio Deus. O verbo é usado não só para indicar a criação do universo, mas também para indicar a qualidade da ação com que Deus acompanha e cuida do seu povo. Por exemplo, Deus *cria* o universo e a terra; *cria* também o povo e o Êxodo (Is 43,15). Tudo

é fruto da ação criadora. Neste contexto, os sinônimos "fazer", "construir" e "edificar" têm o mesmo significado.

Deus é o Criador do mundo e do povo:

"Eu, eu mesmo sou aquele que te consola; quem te julgas tu para teres medo do homem que há de morrer, do filho do homem, cujo destino é o da erva? E te esqueces de Javé que te criou, aquele que estendeu os céus e fundou a terra? Tens vivido apavorado o tempo todo diante da cólera do opressor, enquanto ele estava armado para destruir-te; mas onde está agora a cólera do opressor?" (Is 51,12-13)

Deus, o Primeiro e o Último (Is 44,6; 41,4; 48,12), não quer o caos. O **caos** não é só a situação anterior à criação (Gn 1,2), mas era também a situação do povo no cativeiro, situação de aparente ausência de Deus (cf Lam 3,2-16). Pelo poder da Palavra de Deus este caos pode ser vencido

"Assim diz Javé, o Criador dos céus. Ele é Deus, o que modelou a terra e a fez, ele a estabeleceu: não a criou como um deserto, antes, modelou-a para ser habitada. Eu sou Javé, e não há nenhum outro. Não falei em segredo em um canto obscuro da terra. Eu não disse à descendência de Jacó: "Procurai-me no caos!" Eu sou Javé que proclamo a justiça e revelo o que é reto!" (Is 45,18-19).

Esta maneira de apresentar a ação criadora de Deus comunica ao povo exilado a seguinte mensagem: Deus é mais forte que o poder opressor que esmaga o povo (Is 40,12-18). Ele liberta, salva e conduz o povo com poder criador (Is 40,25-31). Pois Ele enfrenta o caos e o vence com o poder criador da sua Palavra (Is 40,8). A narração da criação no livro de Gênesis é desta mesma época dos escritos de Isaías 40 a 66 e comunica esta mesma mensagem.

2. A narração da Criação no livro de Gênesis

O texto do livro de Gênesis sobre a Criação (Gn 1,1-2,4) não quer ensinar como foi criado o mundo, mas sim como o mundo criado deve ser visto à luz da fé. Não foi escrito para ensinar geografia e história, mas sim para devolver a fé, a esperança e o amor ao povo explorado que estava descrente e desanimado de tudo. Foi escrito para consolar o povo exilado, leva-lo a resistir contra a ideologia dominante dos grandes festivais das divindades da Babilônia e anima-lo novamente para a caminhada.

O texto diz que Deus criou o céu e a terra usando a **Palavra**. Assim mostra qual a força da **Palavra** de Deus que meditamos, por exemplo, aqui neste nosso Círculo Bíblico. A narração da Criação é um manifesto de resistência e de esperança. Vejamos:

A situação do mundo antes do início da ação criadora de Deus (Gn 1,1-2) é espelho da situação do povo no cativeiro. É como o terreno onde Deus vai construir a casa do povo. Diz o texto:

*"No princípio, criou Deus os céus e a terra. A terra, porém, estava **sem forma e vazia**; havia **trevas** sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as **águas**" (Gn 1,1-2).*

Antes de Deus começar a sua ação criadora, a terra era um **caos**, descrito como **trevas, águas e deserto** (sem forma e vazia). Estas três imagens de morte evocam o cativeiro:

Trevas: Diz a terceira lamentação: "Deus me fez morar nas **trevas**!" (Lam 3,2,6)

Águas: "As **águas** subiram até minha cabeça e eu gritei: 'Estou perdido!'" (Lm 3,54)

Deserto: O povo era como um tronco seco enterrado num chão **deserto** (Is 11,1)

Em seguida, vem a descrição da ação criadora de Deus, distribuída dentro do esquema de sete dias. A ação criadora coloca ordem no caos e constrói a casa para o povo morar. Eis o esquema da ação criadora nos sete dias:

- | | |
|-----------------------------|--|
| <u>1º Dia</u> (Gn 1,3-5): | Cria a LUZ. Deus vence as trevas e as organiza. |
| <u>2º Dia</u> (Gn 1,6-8): | Cria o FIRMAMENTO. Deus vence as águas e as organiza |
| <u>3º Dia</u> (Gn 1,9-13): | Cria a TERRA e o VERDE. Deus vence o deserto e o organiza |
| <u>4º Dia</u> Gn 1,14-19): | Cria as LÂMPADAS : sol, lua e estrelas, para iluminar e guiar |
| <u>5º Dia</u> (Gn 1,20-23): | Cria os PÁSSAROS no ar e os PEIXES no mar e os abençoa |
| <u>6º Dia</u> (Gn 1,24-25): | Cria os ANIMAIS que se movem sobre a terra e os abençoa |
| (Gn 1,26): | Deus delibera para criar o SER HUMANO à sua semelhança |
| (Gn 1,27): | Cria o SER HUMANO, HOMEM E MULHER, à imagem de Deus |
| (Gn 1,28-30): | Deus os abençoa e os insere no contexto de toda a criação. |
| (Gn 1,31) | No fim, Deus constata: " Tudo é muito bom! ". |
| <u>7º Dia:</u> (Gn 2,1-3): | Deus conclui a obra descansando e abençoa o 7º dia. |

O descanso do sétimo dia faz parte da ação criadora de Deus! É a sua meta! O ser humano foi criado no 6º dia. O número 6 é o número da imperfeição. A perfeição está no número 7: todos chegarmos aonde Deus chegou no 7º dia, dia do descanso e de convivência. Este é o grande sonho de Deus para todas as suas criaturas. Era também o sonho da irmandade de Isaías tentando reconstruir a convivência.

3. Cantar a Criação no livro dos Salmos

Vários salmos cantam a beleza da Criação, como revelação do amor e do poder de Deus.

1. Sl 8:	"A Tua presença irrompe por toda a terra!"	Deus se revela na natureza
2. Sl 19(18):	"Os céus cantam a glória de Deus!"	Eles são expressão da Lei de Deus
3. Sl 46(45):	"Deus é nosso refúgio e nossa força!"	Ele está conosco! Não temos medo
4. Sl 104(103):	"Envia teu Espírito e tudo será criado!"	A ordem da Criação vem de Deus
5. Sl 107(106):	"Agradeçam a Javé o seu amor!"	O sábio sabe discernir o amor de Javé
6. Sl 136(135):	"Criou o céu e a terra! Eterno é seu amor!"	Tudo é revelação do amor de Deus
7. Sl 139(138):	"Tu me conheces quando estou sentado!"	O Criador está presente em tudo
8. Sl 145(146)	"Tuas obras todas te agradeçam, Javé!"	O Criador realiza o desejo do coração
9. Sl 148:	"Aleluia! Louvai a Javé todas as criaturas!"	Convite ao louvor universal
10 Sl 150	"Tudo que respire louve o Senhor!"	Louvor universal ao Criador

O QUARTO PASSO

Mudar e renovar para poder ser fiel à tradição

1. Uma nova leitura da Situação Presente

A nova experiência de Deus e a nova leitura do passado abriram os olhos dos discípulos e os ajudaram a ler a situação presente com realismo e senso crítico, e a descobrir nela os apelos de Deus.

A situação em que o povo se encontrava era esta: Jerusalém estava destruída, suas muralhas, desmanteladas, sem porta (Ne 1,3). Cidade aberta, sem possibilidade de defesa. Eles estavam sem poder político, sem independência, sem exército, sem rei, incapazes de mudar a situação. Outras pessoas estavam ocupando parte da terra, pois Nebuzardã, o novo comandante, tinha distribuído a terra aos pobres (Jr 39,10). Gente de fora, de Samaria, vinha adorar a Deus no lugar onde estavam as ruínas do Templo (Jer 41,4-5). Querendo ou não, eles eram obrigados pelas circunstâncias a conviver com os outros povos. Não havia **outra** alternativa viável para poder sobreviver. Esta era a realidade: uma situação de diáspora. A palavra *diáspora* significa dispersão, viver espalhado no meio dos outros povos. O que fazer: ignorá-la, combatê-la ou assumi-la?

Vista com os olhos antigos do tempo dos reis, esta situação era um fracasso inaceitável. Os discípulos e as discípulas, porém, viam nela o início de uma nova etapa. Em vez de lamentar o passado que perderam, saudaram o futuro que acabava de nascer com muita dor. Não fizeram nenhum esforço para reeditar a monarquia como queria Zorobabel e alguns profetas (Ag 1,1-15) do grupo da Restauração, mas despertaram para sua nova missão como povo de Deus. O vento sacode a flor, espalha a semente por todo canto e prepara, assim, uma nova floração em lugares onde antes não havia flor. Do mesmo modo, os fatos violentos do exílio sacudiram o povo, espalharam-no como semente pelo mundo e o prepararam para uma nova missão: ser "Luz das Nações", ser "Servo de Deus" para todos os povos (Is 42,1.4.6; 49,6), fonte de bênção para todas as famílias da terra (Gn 12,2-3).

"Ele me disse: "Pouca coisa é que sejas o meu servo só para restaurares as tribos de Jacó e reconduzires os sobreviventes de Israel. Também te estabeleci como Luz das Nações, a fim de que a minha salvação chegue até às extremidades da terra"(Is 49,6)

O cativo, que, para uns, parecia ser um golpe de morte no povo, tornou-se para eles apelo de Deus e anúncio de esperança e de vida (Is 54,7-8). Descobriram a luz que havia dentro do túnel, mais clara que a luz do meio dia, diferente e muito mais brilhante que a luz do tempo dos reis. "Não estão vendo?" (Is 43,19). Começaram a fazer uma nova leitura dos valores da vida.

2. Uma nova leitura dos Valores da Vida

Fidelidade criativa é a característica desta re-leitura do passado! A nova experiência de Deus, de um lado, ajudou a perceber os erros e enganos, dentro dos quais a imagem de Deus tinha sido aprisionada pela ideologia dominante do tempo dos reis, e, de outro lado, foi fonte de luz e de criatividade para reler e repensar, um por um, todos os valores do passado, libertá-los dos erros e das limitações, adaptá-los à nova situação. Assim, os novos acontecimentos e as novas experiências podiam ser acolhidas como fiéis ao passado, sem o risco de serem condenadas pelos conservadores como estranhas e heréticas

A partir desta nova experiência de Deus, eles começaram a reler os valores da vida que no passado tinham orientado o povo. Nesta releitura, eles mantêm as mesmas palavras, mas dão a elas um novo sentido e as colocam numa nova perspectiva.

Eis alguns valores centrais da tradição, relidos e reinterpretados pelos discípulos de Isaías numa perspectiva de abertura universalista:

- * *O povo de Deus* já não é um povo fechado dentro de uma raça, pois agora também os estrangeiros fazem parte (Is 56,3.6-7).
- * *O templo* já não será só para os judeus, mas será casa de oração para todos os povos (Is 56,7).
- * *O culto* é universal, pois todos os excluídos, como estrangeiros e eunucos dele participam (Is 56,3-7).
- * *O sacerdócio* já não é só de Levi ou de Sadoc, mas também alguns estrangeiros do Egito receberão o mesmo sacerdócio (Is 66,20-21).
- * *O reino* já não é a monarquia de Davi, mas sim o Reino Universal do próprio Deus (Is 52,7; 43,15).
- * *As promessas* que eram somente para Davi agora são para todo o povo (Is 55,3-5)
- * *O messias*, o "ungido", o "pastor", já não é só o rei davídico, mas também Ciro, o Rei dos persas (Is 45,1; 44,28).
- * *A eleição* já não é um privilégio, mas sim um serviço a ser prestado a toda a humanidade (Is 42,1-4).
- * *A missão* já não é o povo ser um grupo separado, distinto dos outros, mas sim ser "Luz das Nações" (Is 42,6; 49,6)
- * *A lei de Deus* já não é só para Israel, mas será procurada e observada por todos os povos que nela encontram uma luz (Is 2,1-5).
- * *Jerusalém* já não é capital de Judá, mas sim o centro de peregrinação para todos os povos (Is 60,1-7).

Nestes textos transparecem a coragem e a abertura que eles tiveram para repensar tudo. Mesmo mergulhados naquela profunda crise do cativo, souberam ser criativos. Ultrapassaram as fronteiras das formas tradicionais e, fiéis à verdadeira Tradição, sonharam com um mundo novo: "As coisas antigas já se realizaram, agora vos anuncio estas coisas novas" (Is 42,9). Queriam tudo novo: "novo céu e nova terra" (Is 65,17), novo Êxodo (Is 41,18-20; 43,16-20), nova e eterna Aliança (Is 54,10; 55,3; 61,8), novo povo (Is 43,21), novo coração e novo espírito (Is 32,15; Jr 24, 7; 31,33; 32,39; Ez 36,27). Todos estes valores foram retomados por Jesus.

O QUINTO PASSO

Desfazer o peso da opressão e encher o vazio do coração

1. Desequilibrou-se a balança da vida

O desânimo do povo exilado era muito grande. Eles eram como o profeta Elias que deitou debaixo da árvore querendo morrer (1Rs 19,4). Os fatos históricos confirmam este desânimo. O decreto de Ciro que permitia o retorno para a terra e a reconstrução do Templo (Esd 1,1-4) é de 538 aC. Mas foram poucos que, liderados por um tal de Sesbassar, voltaram de fato (Esd 1,8). Foi só em 520 aC, que um grupo maior, liderado por Zorobabel e Josué (Esd 3,1-6), decidiu voltar. Foram necessários 18 longos anos para eles se decidirem e começarem a caminhar! Até para cantar eles tinham perdido o gosto (Sl 137,1-6). O grande retorno só aconteceu com Neemias em 445 aC e com Esdras em 398 aC, ou seja, respectivamente, mais de 90 e mais de 140 anos depois do decreto de Ciro.

Este desânimo tinha duas causas, ligadas entre si como os dois braços de uma balança: uma *externa* que, de fora, pesava sobre eles, a saber: a destruição de Jerusalém, o exílio, a perda de todos os apoios; a outra *interna* que, por dentro esvaziava o coração: a falta de visão e de fé. Deus parecia ter perdido o controle da situação. Nabucodonosor parecia ser o dono da história. Desequilibrou-se a balança da vida!

Confrontados com este desânimo, os discípulos de Isaías atacam as duas causas: desfazem o peso da opressão e enchem o vazio do coração.

2. Desfazer o peso da opressão

Para *desfazer o peso da opressão* eles usam o bom senso e fazem uma análise crítica da realidade. Desmascaram o poder que oprime e a ideologia dominante que engana. Tudo é analisado, criticado com ironia e precisão e confrontado com a nova visão que a fé em Deus lhes comunica.

Eis alguns exemplos:

- * os príncipes e os juizes: Deus reduz os príncipes a nada, e faz dos juizes da terra uma coisa vã (Is 40,23);
- * os adivinhos e os sábios: Deus embaralha seus sinais e eles ficam bobos, faz delirar o espírito dos

- adivinhos e confunde os sábios (Is 44,25);
- * os governantes: Deus pisa os governadores como o lodo, da mesma maneira que o oleiro amassa a argila (Is 41,25);
- * as nações do mundo: para Deus elas são como uma gota d'água que cai de um balde, como um nada; seus habitantes são como gafanhotos (Is 40,15.17.22);
- * a orgulhosa Babilônia opressora: ela pensava ser rainha suprema, mas vai ficar viúva e perderá todos seus filhos (Is 47,1-15);
- * os ídolos: são menos que um nada, apenas sopro e ilusão (Is 41,24.29; 40,18-20; 41,6-7.21-29); seus adoradores têm mente enganada e já não percebem a mentira (Is 44,20).

A análise crítica da realidade concentra-se, sobretudo na denúncia detalhada e irônica do culto aos ídolos. Eis como termina uma longa crítica, cheia de ironia, contra aqueles que fabricam ídolos:

“Eles nada sabem nem entendem, porque os seus olhos são incapazes de ver e os seus corações não conseguem compreender. Nenhum deles tem conhecimento ou inteligência para dizer: “A metade [da madeira] queimei ao fogo e com ela assei pão sobre a brasa, assei carne e a comi; com o resto fiz uma coisa abominável e me prostrei diante de um pedaço de lenha!” Aquele que se apascenta de cinzas, o seu coração enganado o desencaminha: ele não consegue salvar sua vida nem é capaz de dizer: “Aquilo que tenho na minha mão não será apenas uma mentira?” (Is 44,18-20).

3. Encher o vazio do coração

Para *encher o vazio do coração* os discípulos ajudam o povo a ler de maneira nova o mundo que os envolve, e a perceber nele os sinais da presença de Javé. Eis alguns exemplos:

- * Os acontecimentos duros da história que tanto pesavam, é Javé que, através deles, realiza o seu plano (Is 55,8-11). O próprio exílio é visto como instrumento de educação do povo por parte de Javé (Is 54,7-8). Babilônia, a grande opressora, é vista como um meio, usado por Deus, para castigar o povo infiel:

“Quem entregou Jacó ao saque e Israel aos despojadores? Não foi Javé, aquele contra quem pecamos, aquele em cujos caminhos não quisemos andar, nem demos ouvidos à sua Lei?” (Is 42,24)

“(Babilônia,) eu estava irritado contra o meu povo, reduzi a minha herança à humilhação, entreguei-a nas tuas mãos, mas tu não usaste de compaixão para com ela: até sobre os velhos impuseste o duro peso do teu jugo” (Is 47,6).

- * No mundo da política, Ciro, o rei da Pérsia, estava modificando a face da terra, libertando os povos oprimidos do jugo da Babilônia. Ele é apresentado como conduzido por Javé (Is 41,1-5; 45,1-7).

“(Assim diz Javé, o teu Redentor): Digo ao oceano: “Seca-te, eu farei secar os teus rios”, e digo a Ciro: “Meu Pastor!” Ele cumprirá toda a minha vontade, dizendo a Jerusalém: “Tu serás reconstruída!” e ao Templo: “Tu serás restabelecido!” (Is 44,27-28)

“Assim diz Javé ao seu ungido, a Ciro que tomei pela mão direita, a fim de subjugar a ele nações e desarmar reis, a fim de abrir portas diante dele, a fim de que os portões não sejam fechados” (Is 45,1)

Os discípulos de Isaías mandam o povo refrescar a memória (Is 43,26; 46,9), contam as histórias de Noé, de Abraão e Sara, da Criação, lembram o êxodo (Is 43,16-17), apontam os fatos da política (Is 45,1-7), mandam observar a natureza (Is 40,26) e perguntam: “Quem é que faz tudo isto?” (Is 41,2). A resposta é sempre a mesma: “É Javé, o Deus do povo, o nosso Deus!”.

Assim, aos poucos, a *natureza* deixa de ser o santuário dos falsos deuses; a *história* já não é mais decidida pelos opressores do povo; o mundo da *política* já não é mais o domínio de Nabucodonosor. Por trás de tudo começam a reaparecer os traços do rosto de Javé, o Deus do povo. A natureza, a história e a política deixam de ser estranhos e hostis ao povo e tornam-se aliados dos pobres na sua caminhada como *Servo* de Deus.

Mas mesmo presente no universo inteiro, a casa preferida de Deus é no meio do seu povo oprimido e exilado: “Eu estou contigo!” (Is 41,10). “Troco tudo por ti!” (Is 43,4) É lá que Ele deve ser procurado (Is 55,6), e é de lá que Ele quer irradiar sobre o mundo como “Luz dos Povos” (Is 42,6).

Diante desta presença avassaladora de Deus no mundo, na vida, na história, na política, no próprio povo, os discípulos convocam o povo: “Cegos, olhem! Surdos, ouçam!” (Is 42,18). “Não estão vendo?” (Is 43,19). Esta é a Boa Nova que os discípulos anunciam ao povo: “Teu Deus reina!” (Is 52,7).

Deste modo, enchendo o vazio do coração (*causa interna*) e enfraquecendo o peso da opressão (*causa externa*), eles deslocam o peso da balança. O povo se equilibra de novo na vida. Agora, já não é a perseguição que enfraquece a fé, mas sim a fé renovada e esclarecida que enfraquece o poder dos poderosos. A face de Deus reaparece na vida. O povo, animado por esta Boa Notícia, desperta (Is 51,9.17; 52,1), se põe de pé (Is 60,1), começa a cantar (Is 42,10; 49,13; 54,1; 61,10) e a resistir (Is 48,20).

O SEXTO PASSO

Um novo jeito de conviver e de trabalhar com o povo

Estes três fatores: a nova experiência de Deus, a nova leitura do passado e a visão crítica do presente ajudaram os discípulos e discípulas de Isaías a criar um novo jeito de animar e acompanhar o povo do cativeiro. Eles se tornaram o anjo que despertou e animou o profeta Elias quando fugia desanimado para longe de tudo (1Rs 19,5-7). Criaram um novo jeito de conviver e de reconstruir a convivência que transparece nas linhas e nas entrelinhas dos capítulos 40 a 66 do livro de Isaías. Vamos ver alguns aspectos desta nova prática.

1. Acolher as pessoas com muita ternura e fraternura

Para quem vive machucado e triste, na solidão do cativeiro, não bastam as ameaças e os preceitos, nem os argumentos da análise crítica da realidade, para que ele levante a cabeça, tenha esperança e comece a enxergar a situação com esperança renovada. É necessário, antes de tudo, cuidar das feridas do coração, acolhendo-o com muita ternura e bondade. As primeiras palavras: "Consolai! Consolai o meu povo!" (Is 40,1) ressoam pelas páginas do livro inteiro, do começo ao fim.

Os discípulos e as discípulas têm uma conversa muito atenciosa, cheia de ternura e consolo, de encorajamento e acolhimento. "Eles não gritam nem apagam a vela que ainda solta um pouco de fumaça" (Is 42,2-3). Ou seja, machucados, não machucam. Oprimidos pela situação em que se encontram, não oprimem, mas tratam e acolhem o povo com muito respeito e carinho. Tentam chamá-lo pelo próprio nome (Is 43,1). Usam uma linguagem simples, concreta e direta, numa atitude de ternura nunca vista antes, que funciona como bálsamo, e dispõe as pessoas para olhar a realidade com mais objetividade. Eis alguns exemplos:

"Por um instante eu abandonei você, mas com imensa compaixão torno a reuni-la. Num ímpeto de ira, por um momento, eu escondi de você o meu rosto, mas agora, com amor eterno, volto a me compadecer de você" (Is 54,7-8)

"Tu és o meu servo! Eu te escolhi, não te rejeitei. Não temas, porque eu estou contigo. Não fique apavorado, pois eu sou o teu Deus. Eu te fortaleço, sim, eu te ajudo, eu te sustento com a minha mão justiceira!" (Is 41,9-10).

"Não temas! Sou eu que te ajudo! Não temas, vermezinho de Jacó, meu bichinho de Israel! Eu mesmo te ajudarei. Oráculo de Javé, teu redentor é o Santo de Israel!" (Is 41,13-14).

Como estas, há muitas outras expressões e imagens de ternura espalhadas pelos capítulos 40 a 66 de Isaías: Is 40,1-2^a; 43,1-5; 44,2; 46,3-4; 49,13-16; etc.

2. Ensinar dialogando em pé de igualdade

Além disso, nos capítulos 40 a 66, do começo ao fim, transparece uma atitude de escuta e de diálogo. Os discípulos e as discípulas de Isaías conversam, fazem perguntas, questionam, criticam, levam o povo a refletir sobre os fatos (cf Is 40,12-14.21.25-27; etc.). Ensinam dialogando, em pé de igualdade com o povo. Este jeito de ensinar é próprio de quem se considera discípulo e não dono da verdade (Is 50,4-5).

"O Senhor me deu uma língua de discípulo para que eu soubesse trazer ao desanimado uma palavra de conforto. De manhã em manhã ele me desperta, sim, desperta meu ouvido, para que eu o ouça como os discípulos" (Is 50,4)

Um discípulo não absolutiza o seu próprio pensamento, nem impõe suas idéias autoritariamente, mas sabe ensinar escutando e aprendendo dos outros. Eis um exemplo de como faziam:

"Por que dizes tu, Jacó, e por que afirmas tu, Israel: "O meu caminho está oculto a Javé; o meu direito passa despercebido a Deus?" Então não sabes? Por acaso não ouviste isto? Javé é um Deus eterno, criador das regiões mais remotas da terra. Ele não se cansa nem se fatiga, a sua inteligência é insondável" (Is 40,27-28)

3. Reunir o povo para rezar a Deus e falar da vida

É neste mesmo período do cativeiro que se começa a insistir na observância do sábado (Is 56,2.4; 58,13-14; 66,23; cf Gen 2,2-3), para que o povo tenha ao menos um dia por semana para se encontrar, partilhar sua fé, louvar a Deus e animar-se mutuamente. Para ajudar o povo a descobrir os sinais da presença de Deus, os discípulos fazem reunião de noite, fora de casa, e perguntam:

“Levantem os olhos para o céu e observem: Quem criou tudo isso? É Aquele que organiza e põe em marcha o exército das estrelas, chamando cada uma pelo nome. Tão grande é o seu poder e tão firme a sua força, que nenhuma delas deixa de se apresentar. Jacó, por que você anda falando, e você, Israel, por que anda dizendo: “Javé desconhece o meu caminho e o meu Deus ignora a minha causa?” (Is 40,26-27)

Por este seu jeito diferente de conviver e de tratar com o povo, os discípulos não só falam sobre Deus, mas também o revelam; comunicam algo daquilo que eles mesmos vivem. Deus se faz presente nesta atitude de ternura e de diálogo. O povo se dá conta de que o Deus dos discípulos é diferente do deus da Babilônia, diferente também da imagem de Deus que eles ainda carregavam na memória, desde os tempos da monarquia, de antes da destruição do Templo. Assim, aos poucos, os olhos se abrem. O povo começa a perceber algo do novo que estava acontecendo. “Não estão vendo?” (Is 43,19)

Até hoje, este passo é o mais difícil, o mais lento e o mais importante. Foi necessária muita paciência da parte dos discípulos, para que aquele povo exilado se reanimasse a crer novamente em si mesmo e em Deus e se levantasse (Is 49,4.14). Aqui vale a pena lembrar uma das diretrizes dos bispos da igreja Católica em que criticam o clericalismo autoritário que, aqui e acolá, reaparece com força, pois, este autoritarismo nega, pela atitude, o que se diz com palavras sobre o amor de Deus.

O SÉTIMO PASSO

Apontar a Boa Nova de Deus na vida do povo

1. A Boa Nova de Deus na vida do povo.

A Boa Nova não é uma doutrina, nem uma moral ou uma disciplina. Anunciar a Boa Nova de Deus é apontar fatos concretos, pequenos ou grandes, nos quais a vitória do Reinado de Deus já está acontecendo, e apresentá-los de tal maneira que apareça para fora esta dimensão escondida da presença vitoriosa de Deus.

Assim, nos capítulos 40 a 66, transparecem vários fatos, pequenos e grandes, que são apresentados pelos membros da irmandade de Isaías como Boa Nova do Reino de Deus, presente no meio deles:

- * a primeira frase do livro é o anúncio de um consolo imenso (Is 40,1), dirigido ao coração de Jerusalém: “Consolai! Consolai!” O cativeiro acabou! (Is 40,1-2);
- * a alegria do povo de Jerusalém ao ouvir a boa notícia trazida por um mensageiro que anuncia a paz e a chegada do Reino de Deus (Is 52,7-10);
- * o povo se organizando como um rebanho ao redor do pastor, e voltando para Jerusalém, guiado por esta fé renovada em Deus, (Is 40,9-11);
- * a chegada de Ciro, que de repente começou a invadir o mundo e a vencer o poderio de Nabucodonosor, dando esperança aos povos oprimidos (Is 41,25-27);
- * o povo que, como discípulo e aprendiz, começa a reagir, resistindo firme contra o opressor, apesar do sofrimento e das agressões (Is 50,4-6).
- * o povo se dispendo para sair do cativeiro e, protegido por Deus, regressar para a terra, deixando para trás a impureza dos ídolos, repetindo o êxodo (Is 52,11-12);
- * o texto que meditamos neste encontro é o anúncio da transformação total e radical da cidade de Jerusalém (Is 51,1-17).

Com outras palavras, o anúncio da Boa Nova de Deus, o *Evangelho* tem estes quatro elementos, misturados entre si: (1) um *fato da vida*, onde Deus está presente, atuando, libertando o seu povo com poder e realizando o seu projeto de salvação; (2) uma *palavra que tira o véu* deste fato e nele revela a presença gratuita de Deus; (3) uma *atitude*, um *testemunho*, uma *prática* que confirmam a veracidade desta Palavra; (4) todo o *passado do povo* o confirma e o ratifica: “Era isto que esperávamos há muito tempo!” A Boa Nova de Deus que eles anunciam responde ao desejo mais profundo do coração humano! Por isso mesmo é **Boa** Notícia.

Hoje está acontecendo a mesma coisa. À luz da fé já se enxerga a árvore grande e majestosa que vai nascer da semente pequenina que hoje estamos plantando através dos nossos trabalhos, sofrimentos, lutas, celebrações, encontros, organizações, reivindicações, resistências e caminhadas.

2. Os traços do Rosto de Deus

Um novo rosto de Deus começa a transparecer em todas as páginas de Isaías 40 a 66. São, sobretudo, quatro os traços que se sobressaem: amor desinteressado, poder criador, presença fiel e santidade exigente. Os quatro traços respondem aos quatro anseios mais profundos do coração humano. Como as quatro cores básicas, eles se apresentam em infinitas modalidades.

Para sentir o gosto de um manjar delicioso não é necessário comê-lo todo. Basta um pouquinho. Assim são os capítulos 40 a 66 do livro de Isaías. Todos têm o mesmo gosto, em todos transparecem os traços deste mesmo rosto divino. Eis alguns dos muitos textos, onde estes traços existem misturados: Is 40,12-31; 41,8-20; 44,24-28; 54,1-10.

Resumindo. Javé, o Deus que se fez presente na "casa" do povo do cativo, é

1. um Deus amoroso: revela uma bondade infinita que promove e liberta;
Is 41,8-20; 54,1-10;
2. um Deus forte: liberta com um poder criador que tem tudo nas mãos;
Is 40,12-31; 44,6-8;
3. um Deus fiel: sua presença amiga nunca falhou e nunca falhará;
Is 44,21-28
4. um Deus santo: pede justiça, exige fidelidade e envia à missão:
Is 43,22-28; 58,1 a 59,20.

O povo do cativo era como a noiva que, por culpa dos outros e por culpa própria, perdeu o noivo. A repentina ausência do Bem-Amado jogou a noiva no desespero. O objetivo da presença evangelizadora dos discípulos e das discípulas junto ao povo era ajudá-lo a reencontrar, nos fatos da vida, a presença amorosa, forte, fiel e exigente do Bem-Amado: "Teu Criador é teu marido!" (Is 54,5). Pois o rosto de Deus é a clarabóia da vida humana, a raiz da libertação e da ressurreição. Sem ele, tudo escurece! Deixar transparecer a luz deste rosto é o mesmo que revolucionar a vida.

O OITAVO PASSO

Uma nova prática religiosa como culto agradável a Deus

Já vimos como, nas páginas de Isaías 40 a 66, transparece uma nova imagem de Deus. Esta nova imagem pede um novo relacionamento, uma nova maneira de prestar culto a Deus. Neste texto, com uma linguagem dura e direta, a irmandade de Isaías se faz de porta-voz de Deus. Através do texto, o próprio Deus denuncia e reclama de seu povo. O povo pensa que está cultuando a Deus de uma maneira certa, mas Deus diz que as celebrações estão cheias de gente, mas vazias de piedade e de devoção. Pensam que estão agradando a Deus, mas estão cheios de violência contra o próximo. Dizem que estão fazendo a vontade de Deus, mas no fundo cada qual busca seus próprios interesses. A prática religiosa não traduz o novo relacionamento com Deus. Ao contrário, parece que o povo volta a um culto que estava já ultrapassado e que não tinha levado à verdadeira comunhão entre Deus e o povo. Nem a uma comunhão entre o próprio povo.

É como se o culto prestado pelo povo estivesse repetindo os mesmos erros da época dos reis e que tinha levado o povo ao desastre do exílio. Parece que o povo não tinha aprendido nada com a provação do exílio! Voltaram com a mesma liturgia de antigamente na cabeça. A irmandade deve bradar e denunciar com vigor:

"Todos confiam em coisas que não têm valor e só falam o que não é verdade... Seus passos levam para o mal e eles correm para derramar sangue inocente; seus planos são criminosos, sua estrada é feita de ruína e de destruição. Eles não conhecem o caminho da paz; não existe direito em seus passos; fazem para si trilhos tortuosos: quem neles caminha não conhece a paz" (Is 59,4-8).

Entre as imagens do rosto de Deus, a irmandade tinha ressaltado que Deus é santo, pede a prática da justiça, exige fidelidade por parte do povo e, continuamente, está enviando seu povo em missão (Is 43,22-28; 58,1 a 59,20). Pois o povo não é qualquer povo, mas é o Povo de Deus. Ser Povo de Deus é ter consciência de que se é instrumento da vontade de Deus para a missão que o próprio Deus vai dar: a de ser Luz para as nações. Os ritos e as liturgias devem traduzir esta nova realidade.

Mas o que se vê é uma volta às antigas e ultrapassadas formas de celebração. Querem permanecer numa liturgia penitencial como na época da monarquia, como se, sem esta liturgia antiga, Deus já não estivesse presente no meio deles. Deus, porém, se revolta com a antiga liturgia e diz::

"Eu jamais lhe dei trabalho exigindo oferendas, e nunca o perturbei exigindo incenso. Você não me comprava canela com dinheiro, nem me saciava com a gordura de seus sacrifícios, mas me dava trabalho com seus pecados e me cansava com suas culpas" (Is 43,23-24)

A mesma queixa contra um culto vazio e burocrático aparece em outras passagens (cf. Is 66,1-4) onde o culto é condenado por não assegurar ao povo que Deus estava presente no meio dele. A verdadeira religião pede um novo relacionamento com Deus e com o próximo. Por isso as palavras deste texto são tão duras. Mas deve ser assim, caso contrário o povo não vai celebrar a presença de Deus no meio dele e assumir sua missão de ser luz das nações. As palavras da irmandade são bastante claras: um novo relacionamento com Deus pede uma liturgia que demonstre um bom relacionamento com o próximo. Em nome de Deus eles dizem ao povo:

"O jejum que eu quero é este: acabar com as prisões injustas, desfazer as correntes do jugo, pôr em liberdade os oprimidos e despedaçar qualquer jugo: repartir a comida com quem passa fome, hospedar em sua casa os pobres sem abrigo, vestir aquele que se encontra nu, e não se fechar à sua própria gente. Se você fizer isso, a sua luz brilhará como a aurora..." (Is 58,6-8).

Dentro desta mesma proposta, o salmo 50 (49) afirma que Deus não vai aceitar uma observância religiosa que não traduza uma prática de justiça. É uma grande incoerência prestar culto a Deus e desprezar as pessoas carentes, desprezadas, marginalizadas. O salmo mostra Deus questionando o culto que lhe é prestado e pedindo antes de tudo a observância de seus mandamentos. O verdadeiro culto não está na observância das regras, normas e rubricas, mas na prática da justiça e do direito. Relacionar-se com Deus e relacionar-se com os irmãos e irmãs de comunidade são como as duas faces de uma mesma moeda. Não dá para separar!

Jesus quer o triunfo da verdadeira religião. Quer os verdadeiros adoradores, aqueles que o Pai procura. São as pessoas que prestam culto a Deus em Espírito e verdade (Jo 4,23). A verdadeira religião é o relacionamento divino que se manifesta na fraternidade humana, tão bem expressa nas palavras do Discípulo Amado: "Se alguém diz 'Eu amo a Deus' e, no entanto, odeia seu irmão, esse tal é um mentiroso. Pois quem não ama seu irmão a quem vê, como pode dizer que ama a Deus, a quem não vê?" (1Jo 4,20)

INTERVALO

DE ISAÍAS ATÉ JESUS

Uma longa caminhada de vários séculos

A progressiva descoberta da Missão do Serviço

A lenta descoberta do Caminho do Serviço pela irmandade do profeta Isaías

No subsídio do primeiro encontro, vimos como na época do cativo lá da Babilônia, havia três tendências ou reações com relação à situação do povo exilado: (1) O grupo da *Adesão*, que continuava a viver bem instalada na própria Babilônia, chegando a ocupar altos cargos na administração do império, como transparece, por exemplo, nos livros de Neemias (1,11; 2,1), Ester (Est 2,21) e Daniel (Dn 1,4; 2,48-49). (2) O grupo da *Restauração*, que queria voltar ao ideal do passado e refazer o Templo e a Monarquia. Inicialmente, este grupo era liderado pelo príncipe Zorobabel, pelo Sumo Sacerdote Josué e alguns profetas como Ageu, e mais tarde por Neemias (Ne 2,1-9) e Esdras (Esd 7,6.11-26). (3) O grupo da *Missão*, que olhava para além das próprias fronteiras e criou o projeto "Luz das Nações" como expressão da descoberta que fizeram de que sua missão como "Povo Eleito de Deus" consistia em prestar o serviço de Deus à humanidade. Este grupo era liderado pelos discípulos e discipulas de Isaías.

Ao longo dos nove encontros, olhando de perto a prática da irmandade de Isaías, pudemos verificar como eles, através desta prática, foram tendo uma clareza cada vez maior a respeito da missão do povo como *Servo de Deus*. Assim, chegaram a elaborar a figura do Servo de Javé para ajudar o povo exilado a entender, descobrir e assumir sua missão como Povo de Deus. Nos quatro cânticos do Servo de Javé, espalhados pelos capítulos 40 a 66 do livro de Isaías, eles nos apresentam um resumo desta missão do Povo de Deus (Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-9; 52,13-53,12).

Eles sabem que a missão é difícil e penosa. Nem sempre ela é clara. Às vezes, parece que estão perdendo tempo (Is 49,4). Para poder ser fiel, o discípulo deve impor-se uma disciplina: toda manhã deve tirar um tempo para escutar a palavra que Deus lhe tem a dizer e que ele mesmo deve levar aos que estão desanimados (Is 50,4-5). Ele encontrará muita oposição e para não desanimar deve procurar sua força em

Deus (Is 50,7-9). Será perseguido, insultado, torturado e morto (Is 50,6; 53,3-8). A sua paixão e morte, porém, serão transformadas em Boa Notícia para o povo e produzirão a conversão de muitos (Is 52, 13-15; 53,10-12).

Quem é o Servo de Javé de que falam os quatro cânticos?

No livro de Isaías, a figura do Servo de Javé não é um indivíduo, mas sim o próprio povo exilado. Os capítulos 40 a 66 são como a moldura ao redor do quadro dos quatro cânticos. No quadro não se diz quem é o Servo, mas a moldura do contexto do livro informa claramente que o Servo é o povo. Basta verificar os seguintes textos que pertencem à moldura: Is 41,8-9; 42,18-20; 43,10; 44,1-2; 44,21; 45,4; 48,20(). Todos eles, de uma ou de outra maneira, falam do Servo como sendo o povo, pois os nomes **Israel** ou **Jacó** indicam o povo como um todo.

O Servo é o povo. Mas que povo? É o povo do cativo, descrito no quarto cântico como um povo oprimido, sofrido, desfigurado, sem aparência de gente e sem um mínimo de condição humana, povo explorado, maltratado e silenciado, sem graça nem beleza, cheio de sofrimento, evitado pelos outros como se fosse um leproso, condenado como um criminoso, sem julgamento nem defesa (Is 53,2-8). Retrato perfeito de grande parte da humanidade de hoje!

Os quatro cânticos são uma cartilha para ajudar os oprimidos, tanto de ontem como de hoje, a descobrir que eles são o Servo de Javé. Descrevem os quatro passos que o Servo deve percorrer para conhecer, descobrir e assumir a sua missão.

O primeiro cântico descreve como Deus escolhe o povo oprimido para ser o seu Servo (Is 42,1-9). O segundo mostra como é difícil este povo ainda sem fé em si mesmo descobrir a sua missão (Is 49,1-6). O terceiro relata como o povo assume a sua missão e a executa apesar da perseguição (Is 50,4-9). O quarto é uma profecia a respeito do futuro do Servo e da sua missão: ele vai ser morto, mas a sua morte será fonte de salvação para todos (Is 52,13 a 53,12).

Leitura dos quatro Cânticos do Servo de Javé

Fazendo a leitura dos quatro cânticos, faça-o devagar pensando nos pobres de ontem e de hoje. Pense em Jesus que nele se alimentava para descobrir sua Missão como Messias. Pense também em você e em todos nós que hoje devemos realizar a missão do Servo.

Na tradução que aqui apresentamos, acrescentamos alguns títulos e subtítulos. Eles funcionam como chave de leitura e ajudam a perceber melhor o sentido do texto. Durante a leitura, convém prestar atenção, em cada parte dos quatro cânticos, **quem** é que está falando e **para quem** está falando. Vejamos:

Primeiro Cântico Deus escolhe o seu Servo Isaías 42,1-9

1. Deus escolhe o seu servo e o apresenta à humanidade (Is 42,1-4)

- 1 Apresento a vocês o meu Servo
que tem todo o meu apoio.
Escolhido por mim,
ele é o preferido do meu coração.
Fiz repousar sobre ele o meu Espírito,
para que leve o direito às nações.
- 2 Ele não grita, nem levanta a voz,
não solta berros pelas ruas,
- 3 não quebra a planta machucada,
nem apaga o pavio de vela
que ainda solta um pouco de fumaça.
- 4 Com fidelidade promove o direito
sem desanimar nem desfalecer,
até estabelecer o direito sobre a terra.
Os povos mais distantes
esperam pelos seus ensinamentos.

2. Deus se dirige ao Servo e o destina para a missão (Is 42,5-7)

- 5 Assim fala o Senhor Deus,
aquele que criou o céu em toda a sua extensão,
que firmou a terra com a sua vegetação,
dá respiração aos povos que nela habitam
e alento aos que andam sobre ela:
- 6 "Eu sou o Senhor!
Eu te chamei de acordo com a justiça.
Eu te segurei pela mão,
te formei e te destinei
para unir o meu povo
e ser a Luz das Nações,
- 7 para abrir os olhos aos cegos,
tirar do cárcere os prisioneiros
e do calabouço os que moram nas trevas!"

3. Deus assume a missão do Servo e garante o seu êxito (Is 42,8-9)

- 8 Eu sou o Senhor! Este é o meu Nome!
A ninguém vou ceder a minha glória,
nem aos falsos deuses a minha honra.
- 9 As profecias do passado já se realizaram,
agora anuncio estas coisas novas.
Antes que aconteçam,
Eu já digo como vão ser!

Segundo Cântico**O Servo de Deus descobre a sua missão**

Isaías 49,1-6

1. O Servo conta como descobriu a sua missão e venceu o desânimo (Is 49,1-4)

- 1 Ilhas, escutem o que vou dizer!
Povos distantes, prestem atenção!
Eu ainda estava no seio materno,
e o Senhor já me chamava;
nas entranhas da minha mãe eu estava,
e Ele já pronunciava o meu nome.
- 2 Da minha boca ele fez um facão afiado
e me guardou ao alcance de sua mão.
Fez de mim uma seta bem aguda
e me escondeu na caixa de suas flechas.
- 3 Ele me disse: "Tu és o meu Servo!
Tu me trazes muita satisfação!"
- 4 E eu já andava dizendo:
"Cansei-me em vão!
Gastei minhas forças
com vento, com nada!"
Na realidade,
o meu direito, o Senhor o defendia,
e o meu salário, Deus o assegurava!
Fui levado a sério aos olhos do Senhor,
Deus se fez a minha força!

2. O Servo descreve a missão que recebeu de Deus (Is 49,5-6)

- 5 E agora Deus fala,
Ele que me formou como o seu Servo,
desde o seio materno,
para eu lhe trazer o seu povo de volta
e reuni-lo de novo em torno a Ele;
Ele me disse:

- 6 "É muito pouco que sejas o meu Servo só para restabelecer as tribos do meu povo e reconduzir os sobreviventes de Israel. Vou fazer de ti a Luz das Nações, para que a minha salvação chegue até o fim do mundo!"

Terceiro Cântico

O Servo assume e executa a sua missão

Isaías 50,4-9

1. O Servo se coloca a serviço de Deus e dos irmãos desanimados (Is 50,4)

- 4 O Senhor me concedeu o dom de falar como seu discípulo, para eu saber dizer uma palavra de conforto a quem está desanimado. Cada manhã, ele me desperta, para que eu o escute, de ouvidos abertos, como o fazem os discípulos.

2. O Servo conta como resiste contra os seus opressores (Is 50,5-7)

- 5 O Senhor me abriu os ouvidos e eu não resisti, nem voltei atrás
6 Ofereci minhas costas aos que me batiam e o queixo aos que me arrancavam a barba. Não escondi o rosto para evitar insultos e escarros
7 O Senhor é a minha ajuda! por isso, estas ofensas não me desmoralizam. Faço cara dura como pedra, sabendo que não vou ser um fracassado.

3. O Servo indica a fonte da sua coragem e da sua fé na vitória final (Is 50,8-9)

- 8 Perto de mim está quem me faz justiça. Quem tem coragem de depor conta mim? Vamos comparecer juntos no tribunal! Quem tem algo contra mim? Que se apresente e faça a denúncia!
9 O Senhor é a minha ajuda! Quem tem coragem de condenar-me? Todos eles vão cair aos pedaços, como roupa velha comida pela traça!

Quarto Cântico

Paixão e Vitória final do Servo de Deus

Isaías 52,13-53,12

1. Deus anuncia a vitória do seu Servo (Is 52,13-15)

- 13 Eis o meu Servo! Ele vai ter êxito! Vai crescer e subir, e será glorificado.
14 Assim como muitos ficaram horrorizados ao vê-lo desfigurado, sem aparência de gente e sem um mínimo de condição humana,
15 Assim muitos vão ficar assombrados, reis vão perder a fala, ao verem uma coisa que não dá nem para contar, ao presenciarem algo que nunca se viu acontecer!

2. *Os opressores, convertidos pelo testemunho do Servo, confessam sua culpa (Is 53,1-9)*

- 1 Quem vai poder acreditar
na notícia que vamos transmitir?
A favor de quem vai ser revelada
a obra que o braço do Senhor realizou?
- 2 O Servo cresceu diante de Deus
como uma dessas plantas secas lá do sertão.
Não tinha graça nem beleza
para a gente ficar olhando para ele.
Não era atraente
para a gente poder gostar dele.
- 3 Era desprezado,
ninguém gostava de tratar com ele.
Homem das dores,
acostumado a sofrer.
A gente desviava o rosto
para não vê-lo,
deixava-o de lado e não fazia caso dele.
- 4 Mas eram nossas as dores que ele carregava,
nossos os sofrimentos que ele suportava!
E nós o considerávamos como um leproso,
ferido por Deus, humilhado por Ele.
- 5 Na realidade,
ele estava sendo castigado por nossos crimes,
e esmagado por nossas faltas.
O castigo que nos traz a paz caiu sobre ele
e nas suas chagas encontramos nossa cura.
- 6 Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas,
cada qual seguindo o seu caminho,
e o Senhor carregou sobre ele
os crimes de todos nós.
- 7 Maltratado, ele resignou-se,
não abriu a boca.
Como um cordeiro que se deixa levar ao matadouro,
como uma ovelha de que se corta a lã,
ele ficava mudo e não abria a boca.
- 8 Sem defesa e sem julgamento,
foi levado embora.
Não havia ninguém para defendê-lo.
Sim, ele foi arrancado do mundo dos vivos,
foi ferido por causa dos crimes do seu povo.
- 9 Foi enterrado junto com os criminosos,
recebeu sepultura entre os malfeitores,
ele que nunca cometeu crime algum
e que nunca disse uma só mentira!

3. *Convite à prece: oremos a Deus pelo Servo (Is 53,10)*

- 10 Oh! Senhor,
que o teu Servo,
quebrado pelo sofrimento,
possa agradar-te!
Aceita a sua vida
como sacrifício de expiação!
Que ele possa ver os seus descendentes,
ter longa vida,
e que o Teu Projeto
se realize por meio dele!"

4. Deus atende à prece e confirma a vitória final do Servo (Is 53,11-12)

- 11 Por ter pago como preço a sua própria vida,
 ele verá os seus descendentes
 e terá vida plena.
 E quando for reconhecido com justo,
 meu Servo irá trazer a justiça para muitos,
 pois tomou sobre as faltas que eles cometeram.
- 12 Vou dar a ele as multidões como herança,
 e receberá os povos como prêmio,
 pois expôs a sua vida até à morte
 e se deixou colocar entre os criminosos,
 tomou sobre si os pecados de muitos
 e intercedeu pelos culpados!

Ao longo dos séculos, estes quatro cânticos do Servo de Deus animaram o povo oprimido na sua caminhada e sustentaram os pobres na sua fidelidade ao Projeto de Deus, desde a época do cativo até o tempo de Jesus.

Um pouco de história: desde o cativo até à época de Jesus

O projeto "Luz das Nações", elaborado pelo grupo da *Missão* e expresso nos quatro cânticos, brilhava no horizonte do povo como um projeto de reconstrução da convivência humana em novas bases. Era uma amostra do *Novo Céu e da Nova Terra*. Desde a época do cativo (587 a 535 aC), o grupo da *Missão* dos discípulos e discípulas de Isaías atuava simultaneamente com os outros grupos e tendências no meio do povo.

Em 520 aC, o grupo da *restauração* voltou para a Palestina e reconstruiu o Templo e o culto, mas não foi capaz de restaurar a cidade. Esta situação durou assim durante quase 100 anos até se costurar uma aliança entre o grupo da *restauração* e o grupo da *adesão* que vivia instalado na Babilônia. Esta aliança concretizou-se nas iniciativas de Neemias (445 aC) e de Esdras (398 aC). Estes dois líderes, ligados aos interesses do império persa, queriam a reconstrução de Jerusalém como cidade símbolo para todos os judeus dispersos pelo império persa.

Assim, a partir da metade do século V antes de Cristo, dois acontecimentos vão ter uma influência profunda na vivência da fé do povo: (1) Em 445, Neemias, como representante do governo persa, vem com a missão de transformar Jerusalém em capital símbolo de todos os judeus (Ne 2,1-9). (2) Em 398, em nome do rei da Pérsia, Esdras começa a reorganizar o povo nos moldes rígidos da observância da Lei, da pureza da raça e da fidelidade ao culto no Templo (Esd 7,11-26; 9,1-2; 10,2-4). Estes dois acontecimentos fizeram com que o grupo da *restauração* ou da Grande Disciplina tomasse a dianteira e se tornasse hegemônico, e que o grupo da *Missão* perdesse qualquer influência oficial. Agora são os sacerdotes e os escribas que assumem o controle da vida do povo e, através da criação das sinagogas, contribuíram para que o povo, ao longo dos séculos, não perdesse sua identidade.

Mesmo sem influência direta nas esferas do poder, o projeto "Luz das Nações" do grupo da *Missão* continua a brilhar no horizonte e sobrevive como aspiração e como força de resistência anônima na alma do povo. De vez em quando ele reaparece na superfície, por exemplo, nos escritos sapienciais: Jó, Qohelet; nas novelas populares de Rute, Jonas, Judite; na atuação e na atitude diferente das mulheres: Rute, Ester, Judite, Cântico dos Cânticos; no movimento popular apocalíptico; e, finalmente, na piedade resistente dos pobres, chamados *anawim*, do qual faziam parte José, Maria e seu filho Jesus.

Renasce o ideal da irmandade de Isaías na pessoa e no movimento de Jesus

A partir da época dos Macabeus, metade do Século II antes de Cristo, havia crescido muito a esperança messiânica que se expressava de várias maneiras de acordo com a ideologia do grupo. Assim, no tempo de Jesus, todos esperavam a chegada do Reino messiânico, mas nem todos o esperavam do mesmo jeito. Uns esperavam um messias *rei*, filho de Davi (Mc 10,48). Outros, um messias *sacerdote*, o "Santo de Deus" (Mc 1,24), ou um messias *doutor da lei*, que viria ensinar o que faltava saber sobre a lei (Jo 4,25). Outros ainda, um messias *guerreiro*, que viria combater os romanos (Mc 13,22; Mt 4,9), um messias *juiz*, para exercer o julgamento (Lc 3,7-9), ou um messias *profeta* para guiar o povo como um novo Moisés (Jo 6,14 e Dt 18,15)!

Ninguém parecia estar esperando o Messias *Servo*, anunciado por Isaías, que por causa da sua missão libertadora seria preso e morto (Is 50, 5-9; 53,1-12). É que os "sábios e entendidos" não entendiam as coisas do Reino (Mt 11,25-26). Os "pequenos", os pobres, os *anawim*, aos quais o Pai revela as coisas do Reino de Deus (Mt 11,25), estes sim esperavam o Messias *Servo*. Ou melhor, como havia sido anunciado pelo profeta

Isaías, o próprio povo deveria ser messiânico e assumir sua missão de ser o servo de Deus para a humanidade. Foi assim que Maria respondeu, quando ficou claro para ela qual o serviço que Deus estava pedindo: "Eis aqui a *Serva* do Senhor!" (Lc 1,38). Jesus, o filho, aprendeu da mãe a fazer da sua vida um serviço aos irmãos: "O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate para muitos!" (Mc 10,45).

Jesus usou os quatro cânticos como roteiro para conhecer melhor a vontade do Pai e descobrir neles como realizar a sua missão de Servo. O texto de Isaías (Is 61,1-2) por ele escolhido para apresentar-se com a sua missão diante da comunidade na sinagoga de Nazaré (Lc 4,18) é um resumo daqueles quatro cânticos. Depois da ressurreição, a comunidade dos cristãos, lendo a vida de Jesus como Servo e iluminando-a com o texto dos quatro cânticos de Isaías, chegou à conclusão de que Jesus é o messias esperado: "Será que o Messias não devia sofrer tudo isso para entrar na sua glória" (Lc 24,26).

O PONTO DE CHEGADA

Jesus assume e realiza a missão do Servo

Em Jesus, o ideal do *Servo*, vivido e divulgado pela irmandade de Isaías, retomou nova forma e vigor. Ele disse: "Eu não vim para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate de muitos" (Mt 20,28). Foi assim que o entenderam os primeiros cristãos. Jesus era visto por eles como o Servo de Deus (cf. At 3,13.26; 4,27.30). Ser servo ou serva de Deus era também o título com que eles mesmos se identificavam (Rom 1,1): "servos da justiça" (Rom 6,18), "servos de Deus" (Rom 6,22).

Jesus percorreu os quatro passos até o fim. Por isso, ele se tornou para nós a chave principal para entender todo o significado e alcance da missão do Servo, descrita no livro de Isaías.

Jesus, comentário vivo dos quatro passos da caminhada do Servo de Deus

O primeiro passo: Deus apresenta o seu Servo à humanidade

Durante trinta anos, lá em Nazaré, junto com Maria sua mãe, Jesus viveu a condição dos pobres de Deus que, como sugere o primeiro cântico do Servo, apesar de machucados não machucavam e apesar de oprimidos não oprimiam. Foi uma longa preparação. No fim, na hora do seu Batismo, Jesus foi apresentado ao povo: "Este é o meu filho amado que me traz muita satisfação!" (Mt 3,17; Is 42,1). Foi o primeiro passo da sua caminhada como Servo de Deus.

O segundo passo: O Servo descobre e assume a sua missão

Na hora do seu batismo, o próprio Jesus ouviu a voz do Pai que lhe disse: "Tu és o meu Filho. Tu me trazes muita satisfação!" (Mc 1,11; Is 49,3). Jesus assumiu a missão do Servo e, na sinagoga de Nazaré, apresentou o seu programa ao povo com as palavras do profeta Isaías: "Anunciar a Boa Nova aos pobres, proclamar a libertação aos presos, e aos cegos a recuperação da vista, restituir a liberdade aos oprimidos" (Lc 4,18; Is 61,1-2; 42,7). Mais tarde, ele definiu a sua missão como serviço: "Eu não vim para ser servido, mas para servir" (Mt 20,28; Mc 10,45). Foi o segundo passo!

O terceiro passo: O Servo executa a sua Missão

Jesus começou a sua missão de serviço ao povo anunciando a Boa Nova do Reino de Deus (Mc 1,15; Is 40,9-10; 52,7) e dando uma palavra de conforto a quem estava desanimado (Mc 6,34; Is 50,4). Como o Servo anunciado por Isaías, ele se alimentava na oração (Is 50,4-5; Lc 5,16). Na medida em que ia em frente, apareciam os conflitos e as tentações: uns o tentavam para seguir por outro caminho (Mc 8,31-33), outros o perseguiram (Mc 2,1-28; Is 50,6). Foi acusado de tudo, insultado e xingado. Mas, exatamente como o Servo, ele os desafiava: "Quem de vocês pode acusar-me de pecado?" (Jo 8,46; Is 50,8). Jesus não tinha medo e indicava a fonte da sua coragem: "O Pai está sempre comigo!" (Jo 16,32; Is 50,8). Jesus denunciava a injustiça do sistema dos fariseus (Mt 23,1-39) e o falso uso que faziam da Lei de Deus (Mc 7,8-13; 3,4; Is 50,8-9). Por isso os grandes decidiram mata-lo (Mc 3,6). Foi o terceiro passo!

O quarto passo: Paixão, Morte e Vitória do Servo

Incompreendido até pelos próprios amigos, mas vivendo o destino dos pobres, Jesus assumiu o quarto passo, o passo da paixão e do sofrimento (Lc 9,22). Na véspera de morrer, ele fez questão de deixar bem clara a sua intenção de ser o Servo. Foi quando se levantou da mesa para lavar os pés dos discípulos. Nesta hora, assumiu o papel de empregado, de Servo (Jo 13,1-17). Como o Servo anunciado por Isaías, Jesus foi condenado por um falso julgamento, sem testemunhas e sem defesa (Mt 26,59-61; Is 53,8). Foi um assassinato legalizado por dois tribunais: o tribunal religioso dos judeus (Mt 26,63-66) e o tribunal civil-militar dos romanos (Mt 27,24-26; Jo 19,15-16). Cuspiram nele, o insultaram e lhe deram soco (Mt 26, 67-68; Lc 22, 63-65), mas Jesus "fez cara dura como pedra" (Is 50,6-7; Jo 18,22-24; Mt 26,67-68; Mc 15,19), ficava em silêncio, mudo como um cordeiro, e não respondia às acusações (Is 53,7; Lc 23,9; Mt 26,62-63).

Deu a sua vida em defesa da justiça que sempre pregou, carregou os males do povo (Mt 8,17; Is 53,4) e se ofereceu em resgate para muitos (Is 53,12; Mt 20,28). Morreu dizendo: "Missão cumprida!" (Jo 19,30). "Fez orações e súplicas a Deus, em alta voz e com lágrimas, ao Deus que podia salvá-lo da morte. E Deus o escutou, porque ele foi obediente" (Hb 5,7-8). "Foi obediente até à morte, e morte de Cruz" (Fl 2,8). Por isso, o Pai o ressuscitou, confirmando assim que o caminho do serviço, trilhado por Jesus, é o caminho que leva à vida. Foi o quarto passo! Vamos concluir com uma prece. Oremos a Deus pelo Servo:

Oh! Senhor,
que o teu Servo,
quebrado pelo sofrimento,
possa agradar-te!
Aceita a sua vida,
como sacrifício de expiação!
Que ele possa ver os seus descendentes,
ter longa vida,
e que o Teu Projeto
se realize por meio dele!" Isaías 53,10